

## **Alfred Russel Wallace: um estudo sobre as percepções deste naturalista sobre a Amazônia e as populações dos vales dos rios Negro e Uaupês (1848-1852)**

José Otávio Aguiar<sup>1</sup>

### **1. Introdução**

É notória a visibilidade que as contribuições científicas do naturalista galês Alfred Russel Wallace passaram a ter nos últimos anos, especialmente depois que a hegemonia de Darwin sobre a sistematização da nova zoologia de caráter não determinista passou a ser questionada, dado que a sua clássica teoria da seleção natural não é mais totalmente hegemônica no campo que busca pensar e explicar os segredos da vida e a relação espécies-ambiente.

Alfred Russel Wallace viveu entre os anos de 1823 e 1903, sendo oriundo de um pequeno vilarejo chamado Llandoc, próximo de Usk no País de Gales. O seu contato com a ciência natural se deu inicialmente a partir do já renomado entomologista Henry Walter Bates, o qual conheceu durante o período em que trabalhou no Collegiate School em Leicester. Além da experiência científica do colega, o Wallace apaixonado pelas ciências da natureza ganhou corpo depois do seu deleite com várias obras de grandes nomes da história natural, tais como: Robert Chambers, Charles Darwin e Humboldt.

Há que se considerar, porém, que ao falarmos sobre Alfred Russel Wallace devemos nos pautar em dois momentos distintos: o naturalista visitante no Brasil entre 1848 e 1852 que possuía um interesse bastante voltado ao encontro com a natureza e os seres maravilhosos das

---

<sup>1</sup> Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999), Doutorado em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e Pós-Doutorado em História, Relações de Poder, Sociedade e Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Campina Grande/PB, lecionando na Graduação, bem como nos Programas de Pós-Graduação em História (Mestrado) e em Recursos Naturais (Mestrado e Doutorado Interdisciplinares).

literaturas de viajantes e o naturalista que se voltou às discussões do campo da biogeografia durante expedição que realizou pelo Arquipélago Malaio, hoje Malásia e Indonésia, entre os anos de 1854 a 1862<sup>2</sup>. Para este artigo consideramos especialmente o seu primeiro perfil científico que deu vazão à obra brasileira *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*, publicada originalmente em 1853 a partir dos trechos do seu diário de viagem que sobreviveu ao incêndio que naufragou o navio no qual voltava em 1852 para Londres.

O presente artigo, ao contrário do que pode aparentar, não pretende dar conta de toda a grande produção intelectual do naturalista galês, o que seria sintoma de superficialidade em um artigo cuja natureza é sintética. Ao contrário, recorreremos a grandes aspectos da obra wallaciana e de sua biografia para tentar suprir um objetivo principal e os seus decorrentes: entender o lugar ocupado por Alfred Russel Wallace nos grandes debates científicos anteriores e contemporâneos a ele e em que medida o contato com tais debates, mesmo que não diretamente, moldaram o seu perfil como cientista.

A historiografia especializada nas viagens científicas e na literatura de viajantes aponta alguns aspectos capazes de caracterizar, de forma mais ou menos padronizada, as principais motivações envolvidas em uma viagem de expedição científica, seja nos séculos XVIII e XIX, sobre os quais temos mais fontes recorrentes, seja em outros períodos possíveis de serem estudados. As possibilidades historiográficas que a literatura de viajantes nos permite são óbvias, além de que já foram abordadas em muitos trabalhos, porém, é necessária uma verticalização do olhar que nos leve a enxergar determinado produto científico como um amálgama de concepções e debates científicos dos mais variados, tanto contemporâneos na literalidade do termo, quanto no atravessamento temporal e espacial que as ideias podem ter durante a história.

O século XIX, período no qual se insere Wallace e sua produção, é recorrentemente associado na história como a época da consolidação da grande expansão iniciada pelos Estados Nacionais europeus desde os finais do século XV, não mais baseada apenas em

---

<sup>2</sup> Cf.: SILVA, Victor R. L. *Alfred Russel Wallace: Um Olhar Sobre o Indivíduo e o Meio na Amazônia (1848-1852)*. In: **Anais do 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis: UFSC, 2012.

motivações econômico-comerciais, mas, principalmente no desenvolvimento e divulgação dos principais debates científicos e filosóficos.

Neste contexto, se inserem dentre outros campos de saber: a sistematização das chamadas ciências naturais, na esteira dos grandes nomes que desde o humanismo entenderam a busca da compreensão da natureza como a maneira mais lógica de se posicionar perante os saberes escolásticos, estes em fase de profunda crise, ora iniciada no trabalho dos primeiros intelectuais que ousaram discutir as verdades dogmáticas da cosmologia e da cosmogonia judaico-cristã; citá-los aqui é produzir uma extensa lista que vai desde as proposições do catarismo até o grande impacto das teorias que são associadas a Charles Darwin a respeito do processo evolutivo das espécies por meio da seleção da natureza e da competitividade<sup>3</sup>.

Recuperamos aqui o que diz Mary Louise Pratt (1999) no seu estudo sobre as intersecções e impactos culturais do contato entre civilizações díspares: além de ser um erro grave esquecermos que os viajantes e cientistas dos oitocentos representavam os “olhos do império” sobre a grande territorialidade que pretendia dominar, considerá-los apenas sob o *status* de “curiosos” da natureza mítica é muito mais negligente, dado que a produção destes é fruto de um período em que as novas estruturas do conhecimento e da exploração continental favoreciam grandemente a emergência da história natural<sup>4</sup> e conseqüentemente a abertura de muitas viagens investigativas, cujas possibilidades historiográficas são riquíssimas<sup>5</sup> como anteriormente citamos.

Dito isto, desenvolvemos nossa discussão a seguir, pretendendo visualizar duas questões principais: qual a ordem dos debates científicos europeus que oriundos de períodos anteriores ainda encontravam terreno no século de Wallace, e em que pese o seu contato com a literatura científica produzida até então, qual o perfil adotado por esse naturalista que introduziu importantes inovações no campo das ciências da natureza? Como uma síntese das leituras e aprofundamentos feitos para este artigo, norteamos a nossa compreensão para um

<sup>3</sup> Cf.: SILVA, Victor R. L. **Alfred Russel Wallace: Um Olhar Sobre Os Indivíduos Uaupés (1851-1852)**. Monografia de conclusão de Bacharelado em História. Campina Grande: UFCG, 2013. p. 11.

<sup>4</sup> Cf. PRATT, Mary Louise. *Introdução: crítica na zona de contato. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999. p. 23-38.

<sup>5</sup> Cf.: MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. *Os Relatos dos Viajantes Estrangeiros no Brasil Oitocentista: Possibilidades Historiográficas*. In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 20, 2009, Ilhéus. **Anais**. Ilhéus: UESC, 2009.

Alfred Russel Wallace inovador, à medida que deu importantes passos que apontam para uma futura ciência, especialmente a zoologia e a biogeografia, que começaram a perceber outros padrões de compreensão da natureza e do homem antes impensáveis ou ainda em estado de latência.

## 2. Os naturalistas e a questão do trabalho de campo

Nos nossos tempos é difícil imaginar qualquer trabalho científico que não demande um bom tempo dispensado para a pesquisa de caráter empírico, dado que desde a sistematização dos processos de conhecimento no Iluminismo, a ciência veio gradativamente adotando certos padrões para a classificação de uma pesquisa como autorizadamente científica ou não. Em seu clássico *Microfísica do Poder* (1979), Michel Foucault analisa estes processos de especialização e sistematização das diversas ciências ocidentais, como sintomas da modernização das relações de poder, que têm no campo do saber ferramentas importantes para o controle e a seleção de saberes autorizados.

Tendo disso consciência, não podemos levar nosso padrão de entendimento da ciência para o passado, pois, nem sempre os cientistas foram unânimes com relação à aceitação do trabalho de campo como item determinante para a configuração do perfil de um cientista<sup>6</sup>, ao contrário, grandes nomes da ciência natural como Buffon e Georges Cuvier, para citar poucos, eram terminantemente a favor de um trabalho científico feito na calma do seu escritório, com propósitos tão bem definidos que nenhuma mudança desviante do caminho metodológico fosse permitida. Em contrapartida, temos posicionamentos como o de Alexander Von Humboldt e Auguste de Saint-Hilaire, ambos defensores de uma ciência natural “nômade”, dada ao conhecimento *in loco* dos espaços e das espécies, baseando-se em uma profunda

---

<sup>6</sup> Cf.: KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Vol. 8. Suppl. 0. Rio de Janeiro, 2001.

desconfiança das obras empoeiradas de outros cientistas no perfil tradicional dos dois primeiros.

Ao defender seu ponto de vista, os homens de ciência que se apegavam a um trabalho muito mais bibliográfico, lançavam mão da justificativa de que o acesso às grandes obras dos cientistas anteriores era fator *sine qua non* para a elaboração de uma obra que merecesse a chancela de “ciência da natureza”. Ao analisar este perfil de ciência torna-se perceptível, pelo menos de forma sutil, que conviveram duas tradições científicas juntas, sendo que aquela composta por viajantes naturalistas seria para os tradicionais um mero suporte para as inúmeras revisões bibliográficas necessárias ao seu ofício de cientistas de gabinete, ou mesmo, um “trabalhador braçal” da coleta de dados.

Alexander Von Humboldt, por seu turno, é categórico quando transforma seus diários de viagem em um conjunto caleidoscópico de descrições, exemplificações e imagens que inauguraram uma nova escola de cientistas, preocupados especialmente com o fato de que o contato com a natureza do Novo Mundo dá ao cientista o impacto do “diferente”, daquilo que quebra a linha natural que o liga à paisagem e aos seres da Europa.<sup>7</sup>

Nesse ínterim, a influência da perspectiva humboldtiana é facilmente perceptível na escrita de Alfred Russel Wallace, pois, este se posiciona de forma extremamente crítica (inclusive com o próprio Humboldt) no que se trata da consideração da viagem exploratória como metodologia necessária para o trabalho científico. Ao ler as primeiras páginas de Wallace percebemos a sua dívida para com as leituras clássicas dos naturalistas, mas, ao mesmo tempo o seu acerto de contas com a crença cega na leitura dessas obras. Nada melhor que recuperamos as falas do naturalista que sustentam essa proposição:

Minhas anteriores excursões haviam-se limitado à Inglaterra e a um curto passeio pelo continente europeu, de sorte que tudo aqui para mim deveria ter o encanto de perfeita novidade. Eu nunca tive, entretanto, tão grande e tão completo desapontamento. A temperatura não era tão ardente, os costumes do povo não eram lá tão esquisitos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa, como eu havia imaginado e conjecturado durante o tédio de uma viagem marítima.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup>Cf. WALLACE, Alfred Russel. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro**. 1ª Edição. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 6.

Wallace pôde perceber o que hoje nós enxergamos mais criticamente: toda produção intelectual sobre qualquer que seja o objeto de estudo está diretamente imbricada pelos interesses e visões individuais, é o que Moreira (2009) estudando os relatos de viajantes oitocentistas chama de “olhar estrangeiro”<sup>9</sup> ou o que De Certeau (1982), numa linguagem mais historiográfica, vulgarizou como o “lugar social” daquele que detém a fala<sup>10</sup>. Se para o galês, o trabalho de campo que fora ferrenhamente defendido por Humboldt e Saint-Hilaire, não é suficientemente necessário para ter acesso ao que Buffon e Cuvier acreditavam, o que dizer dos trabalhos científicos produzidos unicamente a partir das divagações sem conhecimento de causa?

Todo este debate nos leva a pensar no momento científico em que vivemos, e em como cada momento histórico oferece as condições de possibilidade para que dado debate se instale. Se há mais de trezentos anos atrás os partidários de diferentes posturas de ciência buscavam legitimar os métodos mais eficazes para o seu exercício, hoje questionamos até a possibilidade de conhecimento da própria ciência. Este é um grande sintoma da dinamicidade em que o saber humano se encontra durante todo o processo histórico.

### 3. A polêmica sobre a natureza e os seres do Novo Mundo

Há outras nuances a serem consideradas quando pomos em evidência uma discussão científica como a anterior, especialmente porque os lugares científicos ocupados pelo diferentes atores refletem de forma evidente os perfis e os jogos que estes representam dentro do seu respectivo campo<sup>11</sup>, a condução do referido debate nos encaminha imediatamente para outra querela científica importantíssima e que se arrastou desde século XVIII até a consolidação das proposições da nova zoologia nos moldes darwinianos, tal querela é tema da conhecida obra do historiador italiano Antonello Gerbi, *O Novo Mundo – História de uma polêmica (1750-1900)*, e é preponderante para entendermos o clima no qual cientistas como

<sup>9</sup>Cf.: MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. *Os Relatos dos Viajantes Estrangeiros no Brasil Oitocentista: Possibilidades Historiográficas*. In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 20, 2009, Ilhéus. **Anais...** Ilhéus: UESC, 2009.

<sup>10</sup>Cf.: CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica. A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

<sup>11</sup> Cf.: BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Alfred Russel Wallace nasceram e desenvolveram suas concepções sobre o mundo e sobre os seres vivos.

Quando tomamos o naturalista galês como objeto de nossas discussões, construindo-o como um personagem dotado de aspectos de uma nova consciência científica, não significa necessariamente a desconsideração da importância que as proposições darwinistas tiveram e ainda têm, para a solução de uma questão tão marcante como a que fora abordada com muita propriedade por Gerbi. Trata-se, porém, de entender que Wallace também surge nesse contexto como uma força renovadora, não totalmente livre de determinadas concepções de sua época, dado que qualquer indivíduo em qualquer período é mais ou menos afetado pelo pensamento vigente no passado.

A esteira desta discussão se encaminha para outra questão que é provavelmente mais antiga e que foi mais difícil de ser solucionada pelos cientistas, pois, além de envolver dada concepção de ciência também manteve vínculos com a própria noção de mundo destes naturalistas; estamos nos referindo ao próprio objeto de estudo de Antonelo Gerbi, a chamada “grande polêmica”: seria a natureza americana e os indivíduos humanos ligados a ela necessariamente degenerados e/ou inferiores ao Velho Mundo?

Buffon é o grande responsável por esta noção ter ganhado corpo em meados do século XVIII, ela carrega consigo outras perspectivas adjacentes que dão conta, dentre outras nuances, do tamanho e da força das espécies como sintoma de sua complexidade e suposta superioridade, bem como o fator da idade geológica que daria ao continente americano uma “podridão” natural advinda da sua imaturidade com relação à Europa, para Buffon, o fato de o Novo Mundo ter emergido mais tarde das águas originais lhe conferia uma umidade do solo e da vegetação imprópria para o desenvolvimento de seres grandes, fortes e superiores, incluindo os próprios homens, para ele sub-homens.<sup>12</sup>

Para o período em que estruturou esse pensamento Buffon recebeu uma grande recepção e produziu efeitos durante muitos anos, as concepções de David Hume, Raynal e do contundente Cornielle de Pauw são exemplos claros de que na sequência de Buffon uma

---

<sup>12</sup> Cf.: GERBI, Antonelo. **O Novo Mundo – História de uma polêmica (1750-1900)**. Tradução: Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 19-23.

grande “difamação” da natureza e do homem americano estava na ordem do dia e permaneceria ainda por muito tempo.<sup>13</sup> As primeiras contestações ao modelo buffoniano se deram de forma tímida já no século XVIII através do filósofo beneditino Joseph Pernety e ganha corpo anos depois com La Douceur, que saindo em defesa do anterior, levanta contra os antiamericanos uma série de argumentos lógicos na tentativa de provar que o Novo Mundo encerra em si o germe do propriamente “novo”, daquilo que ainda está em “evolução”, portanto, daquilo que não deve ser considerado como degenerado.

De acordo com Gerbi, as teses de Buffon e De Pauw chegaram ao século XIX ainda com certa força através da famosa obra de Robertson *História da América*, esta foi publicada em 1777, mas, até quase a segunda metade dos oitocentos era lida e indicada como manual para o conhecimento da América e dos seus seres.<sup>14</sup> *A Origem das Espécies* foi publicada em sua primeira edição em 1859, e apesar de sabermos que posturas científicas totalmente eurocêntricas não mais eram vistas de forma acrítica, devemos considerar também que a validade centenária de uma tradição científica não se extingue de uma hora para outra, até mesmo porque as conclusões de Darwin, bem como as de Wallace, passaram por um processo de recepção lento e permeado por negociações e jogos dentro da academia científica londrina.<sup>15</sup>

Nesse sentido, Alfred Russel Wallace não abre mão de se posicionar a respeito deste grande debate que tanto influenciou o seu campo. Tal postura, porém, se dá ao longo da sua escrita e não posta de forma isolada, dado que seu interesse não se volta diretamente para defender uma ou outra visão, mas, demonstrar *in loco* aquilo que acredita como mais pertinente para a ciência natural. Lendo o *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*, percebemos que o método de submissão do conhecimento do Novo Mundo aos mesmos parâmetros europeus não encontra em Wallace representação, o que ele deixa claro quando busca a todo tempo desenvolver uma concepção analítica particularizada, que considere as individualidades das espécies animais e do homem americano, parâmetro consolidado apenas com a zoologia moderna. No trecho seguinte tal questão se põe com clareza:

---

<sup>13</sup> Idem, p. 56.

<sup>14</sup> Idem, p. 133.

<sup>15</sup> Cf.: SMITH, Charles H. **Alfred Russel Wallace: A Capsule Biography**. Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>.



Os encantos de uma região vão-se revelando pouco a pouco, à medida que contemplamos as diversas partes que a compõem, e à proporção em que nossa educação e nossos hábitos nos permitem compreendê-los e admirá-los. [...] Desse modo quando os viajantes agrupam numa única descrição todas aquelas maravilhas e novidades que levaram semanas para observar, acabam por produzir uma impressão errônea no leitor, fazendo com que este experimente um enorme desapontamento se por acaso tem a oportunidade de visitar o local.<sup>16</sup>

Pela citação exposta e pela própria preocupação que Wallace traz consigo, de ao observar a natureza americana e os seres não enxergá-los sob lentes padronizadoras, damos propriedade a nossa hipótese de que ele é um grande nome da renovação científica em desenvolvimento nos termos do século XIX. A existência de certa dualidade no pensamento wallaciano, especialmente quando o vemos recorrendo a certas referências europeias de natureza, não nos prova o contrário daquilo que a nossa construção interpretativa indicou, pelo fato de que para um homem do século XIX se desamarrar de toda e qualquer referência das tradições anteriores é um processo quase impossível.

A título de conclusão, trazemos a tona o que diz com muito poder de síntese a historiadora Nancy Stephan (*apud* LIMA) a respeito do caráter inovador da escrita de Alfred Russel Wallace em sua obra *Picturing Tropical Nature*:

[...] A narrativa *Viagens ao rios Amazonas e Negro* destoa do estilo narrativo romântico tropical, perturbando as convenções de representações dos trópicos. Assim, embora a narrativa de Wallace confirmasse uma visão padrão sobre a alteridade ambiental e humana, tendo em vista o poderio europeu para levar a civilização aos trópicos, ele lamentou o inevitável extermínio de raças autóctones, que a agricultura e a indústria europeia trariam em seu rastro. Para o naturalista, apesar dos progressos materiais, os europeus eram em muitos aspectos moralmente inferiores aos nativos dos trópicos.<sup>17</sup>

Considerando o peso dessas questões e não esquecendo os limites necessários para se entender um homem que se constrói entre dois mundos científicos díspares, trazemos a este artigo o perfil do Wallace que já havíamos apontado na introdução: a ciência que hoje visa o conhecimento mais aprofundado possível dos seres, sem a eles levar juízos de valor ou pré-

<sup>16</sup> . Cf.: WALLACE, Alfred Russel. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 291.

<sup>17</sup> Cf.: LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Bates e Wallace*. **Anais da 1ª Jornada de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

concepções generalizantes, deve em muito a Wallace, especialmente por seu interesse pela observação empírica cuidadosa e detalhada, tão cara a Humboldt, uma de suas grandes inspirações.

## Considerações Finais

O século XIX foi um dos períodos de maior desenvolvimento do que hoje conhecemos como ciências naturais, de modo especial por causa do enorme crescimento das novas explorações marítimas empreendidas pelas nações europeias a partir da segunda metade do século XVIII, tal desenvolvimento científico não foi fruto do acaso, mas, a conjugação de diversos debates que tiveram lugar nos mais diversos campos desde a grande contribuição dos iluministas (preocupados com uma explicação mais natural dos fatos) até a divulgação das teorias da nova zoologia, começada com Curvier e expressa de forma sistemática com Charles Darwin.

Neste ensaio que ora tem sua conclusão, pretendemos analisar detidamente a produção naturalista do entomologista Alfred Russel Wallace. Este viajou ao Brasil entre os anos de 1848 e 1852 na região que hoje corresponde ao Pará, Tocantins e Amazonas, e a partir desta expedição lançou em 1853 a obra *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*, fonte primária da nossa pesquisa. Evidentemente, uma obra que contém dezessete capítulos é propícia para uma análise mais longa e detalhada, tal como pretendemos realizar em projeto de pesquisa para dissertação de mestrado sob minha orientação ainda em desenvolvimento.

Apesar das inúmeras possibilidades de questionamento que podem ser levantados nestas fontes, buscamos nos concentrar em uma questão central que nos motivou na escritura deste texto, esta propõe uma interpretação para o perfil científico do Alfred Russel Wallace que visitou e escreveu sobre o Brasil, seus habitantes (do atual norte) e suas espécies animais e vegetais. Durante toda a sua escrita Wallace cita diversos textos clássicos da ciência natural que foram fundamentais para o desenvolvimento de seus estudos, porém, muitas de suas heranças intelectuais só podem ser percebidas a partir de uma leitura cuidadosa, que acima de tudo considere os “silêncios” presentes em uma fonte histórica. Uma certa simpatia pelo famoso e “controverso” método indiciário desenvolvido pelo micro-historiador Carlo

Ginzburg é importante para entender estas questões; evidentemente muitos outros teóricos da história não deixaram passar despercebida a possibilidade de um viés interpretativo da escrita do historiador, mas, em Ginzburg encontramos este método de forma mais sistematizada.

Em *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História* ele nos diz:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pêlos [sic], plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar *pistas* infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.<sup>18</sup>

Tomando como pressuposto a contribuição da micro-história, de forma especial de Ginzburg, para entendermos que o historiador não lida apenas com o que está dito, expresso, mas, também com o “dedutível”, com aquilo que se interpreta a partir de um conjunto de pistas presentes na fonte, levantamos a hipótese de que Alfred Russel Wallace desenvolveu-se como naturalista em um período extremamente privilegiado, dado que sua época proporcionou-o o contato com inúmeros debates científicos que se arrastavam nos ciclos intelectuais europeus desde o iluminismo, e que tendo lido diversas obras oriundas desses debates ele pode desenvolver um perfil interessante de cientista: em determinados momentos “americanista” declarado, em outros ainda herdeiro de determinadas concepções “utilitaristas” de natureza e do ser humano que surgiram de forma sistemática com o pensamento de Buffon, anteriormente expresso.

Destes grandes debates científicos que nos foram “preservados” em detalhes na grande obra do historiador Antonello Gerbi, *O Novo Mundo – História de uma polêmica (1750-1900)*, selecionamos um em especial que tem uma relação direta com o trabalho do galês Alfred Russel Wallace: a arenga entre aqueles que defendiam um trabalho naturalista a partir do ofício puro de escritório, na linha de Buffon e de De Paw, e aqueles que entendiam o trabalho de pesquisa científica como necessariamente atrelado ao campo empírico de investigação.

---

<sup>18</sup> Cf.: GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 151. Grifo meu.

Como um leitor declarado de Humboldt, Wallace situa-se nesse debate como alguém totalmente incrédulo quanto às pesquisas científicas realizadas no conforto dos escritórios; tal como demonstramos anteriormente, ele entende o trabalho de campo como uma espécie de chancela para a morte da “mitologia” na escrita dos textos de viajantes cientistas, já que o próprio decepcionou-se bastante ao verificar *in loco* a presença de histórias fantasiosas nas obras sobre as quais tanto se deleitou durante sua formação quase autodidata.<sup>19</sup>

Nossa hipótese foi confirmada a partir do momento em que verificamos um grande apelo na obra de Wallace, especialmente na relação com os índios, para que os naturalistas se desapegassem dos preconceitos e estereótipos com os quais estavam acostumados nos livros sobre a América e os americanos, tais apelos têm uma profunda relação com sua defesa de uma “ciência de campo”, totalmente oposta aquilo que fora pregado por Buffon e seus seguidores durante tantos anos na Europa.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

---

<sup>19</sup> SILVA, Victor R. L. **Alfred Russel Wallace: Um Olhar Sobre Os Indivíduos Uaupés (1851-1852)**. Monografia de conclusão de Bacharelado em História. Campina Grande: UFCG, 2013. p. 35.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

GERBI, Antonelo. **O Novo Mundo – História de uma polêmica (1750-1900)**. Tradução: Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Bates e Wallace*. In: **Anais da 1ª Jornada de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. *Os Relatos dos Viajantes Estrangeiros no Brasil Oitocentista: Possibilidades Historiográficas*. In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 20, 2009, Ilhéus. **Anais**. Ilhéus: UESC, 2009.

PRATT, Mary Louise. *Introdução: crítica na zona de contato*. In: **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999. p. 23-38.

KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Vol. 8. Suppl. 0. Rio de Janeiro, 2001.

SILVA, Victor R. L. Alfred Russel Wallace: *Um Olhar Sobre o Indivíduo e o Meio na Amazônia (1848-1852)*. In: **Anais do 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis: UFSC, 2012.

SILVA, Victor R. L. **Alfred Russel Wallace: Um Olhar Sobre Os Indivíduos Uaupés (1851-1852)**. Monografia de conclusão de Bacharelado em História. Campina Grande: UFCG, 2013.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro**. 1ª Edição. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 6.

## Site Consultado:

<http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>